

NOS TEMPOS DO LICEU DE SOBRAL E A CRIAÇÃO DAS EEEPs CEARENSES

*Fabício de Sousa Sampaio**

RESUMO

Em agosto de 2008, o colégio Liceu de Sobral Dom Walfrido Teixeira Vieira foi transformado em Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP). Este artigo objetiva refletir sobre esse processo de transformação neoliberal ou “adaptação”, bem como resgatar os contornos identitários dessa instituição educacional. De caráter qualitativo, esta investigação social utilizou como técnicas de coleta de dados, além da observação participante, as conversas informais e as entrevistas abertas com um dos representantes do núcleo gestor e três professoras que ainda continuam trabalhando nesta escola desde a sua criação enquanto Liceu. A rendição das escolas públicas à ofensiva neoliberal, que se disfarça nas diferentes roupagens possíveis, constitui um dos principais resultados desta pesquisa.

Palavras-chave: Liceu de Sobral. Escola profissionalizante. Identidade.

IN THE TIME OF LICEU DE SOBRAL AND THE FOUNDATION OF PROFESSIONALIZING SCHOOLS IN CEARA STATE

ABSTRACT

In August 2008, the Lyceum of Sobral or Dom Walfrido Teixeira Vieira School, in Ceara State - Brazil, was transformed into a State School of Professional Education. This article aims to reflect on this process of neoliberal transformation or “adaptation”, as well as to rescue the identity contours of this college. Being of a qualitative

* Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista Demanda Social Capes. Endereço para correspondência: Rua Tenente-Coronel Elzio Lima Verde, n.º 688, Renato Parente, CEP 62033-150, Sobral (CE). E-mail: farcosousa@yahoo.com.br

nature, this social research used as data collection techniques, besides participant observation, the informal conversations and the semi-structured interviews with one of the representatives of the managing nucleus and three teachers who still continue working in this school since its creation as a Lyceum. The surrender of public schools to the neoliberal offensive disguised in different possible clothing constitutes one of the main results of this research.

Keywords: *Lyceum of Sobral. Professionalizing school. Identity.*

EN LOS TIEMPOS DEL LICEO DE SOBRAL Y LA CREACIÓN DE EEEPs CEARENSES

RESUMEN

En agosto de 2008 el colegio Liceo de Sobral Don Walfrido Teixeira Vieira se transformó en la Escuela Estatal de Educación Profesional (EEEP). Este artículo tiene como objetivo proporcionar una reflexión sobre el proceso de transformación neoliberal o “adaptación” y rescatar a los contornos de identidad de ese colegio. De carácter cualitativo, en esta investigación social se ha utilizado técnicas de recolección de datos, así como la observación participante, conversaciones informales y entrevistas abiertas con un gestor de base representativa y tres profesoras que todavía siguen trabajando en esta escuela desde su creación como Liceo. La entrega de las escuelas públicas a la ofensiva neoliberal que se disfraza en diferentes formas posibles es uno de los principales resultados de esta investigación.

Palabras clave: *Liceo de Sobral. Escuela de formación. Identidad.*

1 INTRODUÇÃO

Este texto desenvolve algumas das considerações realizadas durante a pesquisa de Mestrado Acadêmico em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC), a qual, na ocasião, pretendeu discutir como a identidade docente era marcada pelas políticas educacionais na cidade de Sobral (CE).

Durante a incursão etnográfica na escola Liceu de Sobral em 2008, constatou-se a transformação desse estabelecimento em escola profissional para atender a nova política educacional do governo cearense¹ da época – que é conti-

¹ Em 2008, o governo cearense implanta, através da Lei Estadual n.º 14.273, de 19 de dezembro de 2008, 25 escolas estaduais de educação profissional (EEEP) – educação integral aliada ao ensino profissionalizante – em 20 municípios, com quatro cursos profissionais de nível técnico: Informática, Enfermagem, Guia de Turismo; e Segurança do Trabalho. Atualmente, são 112 escolas que oferecem, além da formação geral – treze componentes curriculares básicos e comuns ao ensino médio: Língua Portuguesa,

nuada pelo atual governador - de implantação de escolas estaduais de ensino médio integrado à educação profissionalizante. Por meio da observação participante, foi possível “ouvir”² alguns questionamentos tanto de professores quanto de alguns alunos dessa escola no momento da transição: “O que vai mudar com essa transformação?”; “Será apenas uma mudança de nome?”; “Tudo aquilo que construímos será mudado?”; “O que vai ficar do Liceu para construir essa nova escola?”. Essas e outras perguntas foram proferidas nos corredores da escola e, principalmente, durante as “reuniões de transição”, nas palavras do diretor escolar, em que o cerne das questões girava em torno “daquilo” que identificaria o Liceu, ou seja, dos elementos dessa “identidade” escolar que seriam ressignificados para instaurar a “nova escola”.

Neste ínterim, surgiu a necessidade de resgatar o passado escolar do Liceu de Sobral, antes que ele fosse apagado ou esquecido da memória de seus atores sociais quando o processo de transição fosse efetivado. Este artigo traz uma reflexão sobre os contornos identitários do Liceu e analisa o processo de adaptação das escolas regulares em instituições profissionalizantes iniciado em 2008, como decisão técnica neoliberal, desrespeitando os sentimentos de pertencimento dos/as estudantes.

Conversas informais, entrevistas abertas e observação participante foram as técnicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa qualitativa. Um representante do núcleo gestor desde a criação da escola - que recentemente se desligou da atual gestão - e três professoras que estão na escola desde os primeiros anos de funcionamento do Liceu constituíram os principais colaboradores. Durante oito meses, a escola foi observada, e, nesse período - mais precisamente nos meses de março a junho de 2008 -, ela foi transformada em Escola Estadual de Educação Profissional (EEEP).

Com a pretensão de manter o anonimato, as professoras receberam nomeações fictícias: Amanda, Beatriz e Camila. Amanda iniciou suas atividades na escola em 2003 e enfatizou a importância que o Liceu representou para o estado do Ceará. Beatriz entrou na escola em 2004 e defendeu categoricamente que, das práticas do Liceu, somente restaram as exigências de seriedade no ensino e aprendizagem em relação aos discentes e docentes. Camila, que iniciou suas atividades na instituição em 2002, é atualmente membro do núcleo gestor.

Inicialmente, o artigo apresenta um breve histórico do Liceu de Sobral. Na seção seguinte, o objetivo é discutir alguns elementos identitários atribuídos ao Liceu, bem como o seu processo de “adaptação” para EEEP. Na parte final, o foco é apresentar a tecnologia de gestão educacional (TESE)³ e a “política do tem que ser” como ofensivas neoliberais na educação cearense.

Artes, Inglês, Espanhol, Educação Física, História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Matemática, Biologia, Física e Química -, a formação profissional, que é constituída pelos conteúdos curriculares específicos referentes aos 53 cursos técnicos ofertados e agrupados em 12 eixos tecnológicos.

² Ouvir, olhar e escrever constitui os atos cognitivos de apreensão dos fenômenos sociais (OLIVEIRA, 2006).

³ Tecnologia de gestão educacional que representa, de certa maneira, o princípio ou a filosofia educativa das EEEPs.

2 BREVE HISTÓRICO DO LICEU DE SOBRAL

Inaugurado no dia 22 de março de 2002 pelo governador do estado do Ceará, Dr. Tasso Ribeiro Jereissati, pelo secretário de Educação, Prof. Manoel Antenor Napolini, e pela orientadora da CREDE 6⁴, Prof.^a Joana de Fátima Menezes C. Vasconcelos, o Liceu de Sobral deve seu sobrenome à homenagem ao 3.º bispo de Sobral, Dom Walfrido Teixeira Vieira. Entretanto, o ato de criação da escola somente foi publicado no Diário Oficial do Estado n.º 214, no dia 7 de novembro de 2003; sua assinatura, porém, tinha se dado no dia 4 de novembro de 2003 pelo então governador do Estado, Dr. Lúcio Gonçalo de Alcântara, e pela secretária de Educação Básica, Prof.^a Sofia Lerche Vieira.

As atividades letivas do Liceu começaram no dia 19 de agosto de 2002 com onze salas de aulas de 1.ª série do ensino médio, distribuídas nos turnos da manhã, tarde e noite. Os 572 alunos/as iniciais foram mapeados/as pelo diretor da escola nos meses de junho e julho nas seguintes instituições escolares: EEFM⁵ Prof. Luís Felipe; EEM João Frederico; CERE - Centro Educacional de Referência; EEFM João Ribeiro Ramos; EEFM Prof. Arruda; e Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota. Em relação aos estudantes da primeira turma,

[...] saíram buscando alunos das outras escolas para lotar as salas aqui, porque tinha que acontecer, então não foi assim aquela história que veio quem quis, veio quem estava gostando, veio quem queria, quem estava interessado, não, os alunos foram praticamente trazidos para cá. (Amanda)⁶.

Com efeito, uma das primeiras dificuldades enfrentadas pelos/as professores/as foi a adaptação destes/as alunos/as: as salas eram muito barulhentas, e os/as estudantes, muito inquietos/as e revoltosos/as, pois

Os alunos que vieram para cá, eles se sentiram excluídos das escolas de origem deles, eles se achavam os banidos da escola, eram os piores alunos que tinham nas outras escolas, mandaram para cá, indisciplinados, que não queriam nada, né?, então, mas aí quando eles chegaram aqui, né?, a gente fortaleceu muito essa questão da autoestima deles [...]. (Camila).

A organização do primeiro núcleo gestor da escola iniciou com a nomeação do diretor geral, Prof. Paulo Sérgio Flor. No final de julho de 2002, a equipe da gestão estava composta por um coordenador pedagógico, Prof. Rogério Braga Sabino; uma coordenadora de gestão, Vagna Brito de Lima; um coordenador administrativo-financeiro, José Gualberto Aragão Filho; e uma secretária escolar, Auricélia Torres Vidal. Na primeira eleição direta para diretor da escola, o então diretor Paulo Sérgio Flor foi eleito no primeiro turno com aprovação de 75% da comunidade escolar para o mandato de 2005 a 2008.

⁴ Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE). No estado do Ceará, o funcionamento e a organização das escolas são geridos por vinte coordenadorias e uma Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza (SEFOR).

⁵ Sigla que sintetiza Escola de Ensino Fundamental e Médio.

⁶ O nome fictício dos colaboradores será disposto entre parênteses, grafado com a inicial maiúscula e o restante das letras, com minúsculas, para diferenciar dos nomes dos teóricos utilizados no texto, cuja formatação seguirá as normas da ABNT em vigor.

Em 2008, no período da transição, a escola já tinha substituído algumas vezes sua secretária escolar. Nesta época, somente o diretor, os coordenadores pedagógicos e de gestão constituíam a equipe, pois o coordenador financeiro tinha sido cortado da equipe por votação em um dos planejamentos escolares, conforme a determinação da Secretaria de Educação. A partir de 2004, todas as escolas estaduais cearenses deveriam possuir apenas dois coordenadores, ou somente um, dependendo do número de alunos.

Na atual configuração de escola profissional, a equipe de gestão é composta por três coordenadores/as escolares, que estão disponíveis para qualquer situação e exercem as mesmas funções. Todavia, cada gestor monitora determinadas salas de aula. Os subtítulos, pedagógico e financeiro ou de gestão, foram substituídos pela denominação escolar. Sobre as estruturas de gestão escolar, uma das professoras se pronunciou da seguinte maneira:

[...] eu considero a segunda a melhor que tinha o coordenador de gestão e o pedagógico, como eu falei, né?, não sei se pelo fato de ter o nome pedagógico a gente ter aquela certeza que tem aquele coordenador direcionado para as nossas atividades, porque [...] era uma questão de projetos, ele mesmo é quem colocava os projetos, a gente já ia trabalhar o projeto, né?, o projeto para professores. Hoje não, como não tem aquela coordenação voltada pedagogicamente, nós é que temos que fazer, tudo tem que partir de nós, né?, tudo que tem a ver com o pedagógico tem que hoje partir de nós, professores, para eles só avaliarem, né?, a questão e quando tinha o pedagógico não: ele já trabalhava, já trazia para gente, era o contrário. (Amanda).

Em 2002, os principais desafios - e que se constituíram em elementos cruciais da identidade da escola - foram a organização da primeira proposta curricular, do código de convivência e a escolha da primeira bandeira. O representante do núcleo gestor relatou esse momento do seguinte modo:

De forma coletiva, onde os professores, tendo como base os parâmetros curriculares, definiram a primeira proposta curricular da escola para 1.^a série do ensino médio, definimos também, de forma participativa, com os estudantes e os professores, o nosso código de convivência, que são as regras da escola, definimos também a primeira bandeira - ah!, é, nós abrimos concurso para que os estudantes e também os professores pudessem participar, desenhando a bandeira da escola, certo! Enfim, esses foram praticamente alguns dados importantes referentes ao ano de 2002, aqui na escola Liceu de Sobral Dom Walfrido Teixeira Vieira. (Representante do núcleo gestor).

No ano de 2003, a escola implantou a 2.^a série do ensino médio, ampliando a quantidade de alunos para 595. Nesse período, as matrículas foram realizadas sem mapeamento de alunos de outras escolas estaduais. Na semana pedagógica, houve a atualização do currículo escolar. A equipe de professores permaneceu a mesma. Aconteceu a assinatura do ato de criação da escola e a organização dos laboratórios de Informática, Química, Física e Biologia - agora com coordenações específicas -, como também o início das respectivas aulas práticas.

Em 2004, começaram as atividades letivas da 3.^a série. Nesse ano, o representante da gestão destacou alguns fatos importantes, como a mudança completa da equipe de professores, pois os docentes temporários que passaram no concurso de 2003 assumiram turmas em 2004 e optaram por lecionar no Liceu.

Em 2004, nós iniciamos com a primeira, é, assim, uma ação de protagonismo juvenil com a eleição do primeiro grêmio aqui da escola, também a organização da primeira estrutura do conselho escolar, diretoria de conselho escolar [...] Então, no final de 2004, foi importante porque foi a primeira turma de terceiro ano que estava concluindo, certo! E nós ficamos assim muito, é, ansiosos, por ver o resultado do trabalho que nós iniciamos, difícil, mas altamente desafiador em 2002. (Representante do núcleo gestor).

Este gestor enfatizou também o principal objetivo de ensino-aprendizagem da escola e o seu diferencial – aprovar alunos nos vestibulares da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e, se possível, da Universidade Federal do Ceará (UFC) –, visto que essa intencionalidade não era priorizada pelas escolas estaduais cearenses na época. Segundo os profissionais da escola, o Liceu, por ser uma escola exclusivamente de ensino médio, teria como responsabilidade oferecer possibilidades reais de aprovação em vestibulares para seus/suas estudantes. Tal preocupação, ou elemento principal identitário, concretizou-se, a princípio, no vestibular de 2004: dos trinta e oito alunos inscritos, cinco foram aprovados. A partir desses índices, aprovar nos vestibulares foi elencado como a principal meta de aprendizagem para 2005.

Desafiados pela aprovação dos alunos no vestibular, nós iniciamos um processo de redimensionamento, né?, da nossa proposta curricular, que vinha desde 2002, a gente conseguiu exatamente é, baseados, lógico nos PCN, nos referenciais curriculares, é, aqui, da educação do estado do Ceará e também nas provas dos vestibulares da UVA, Universidade Federal do Ceará e da Unicamp, né?, de várias universidades, a gente conseguiu redimensionar a nossa, a nossa proposta curricular né? [...]. (Representante do núcleo gestor).

A escola foi se destacando tanto pelo número de aprovações de alunos nos vestibulares como também pelas atividades pedagógicas realizadas; dentre elas, oficinas, cursos, seminários, palestras e amostras culturais e científicas. As professoras citaram, como exemplos de projetos pedagógicos temáticos, o seguinte: *Água nossa de beber; Meio ambiente, eu cuido!; Eleitor do futuro; Doce melodia; Danças folclóricas; Festas juninas; Contação de histórias; Recreio online; Brasil, mostra tua cara; Quem conta ganha ponto; Notícias da semana; Sábado recreativo; Violão escolar; Cotidiano da educação física; e Jogos interclasses*. Além desses projetos, alguns seminários e palestras foram realizados para discutir temáticas relacionadas a políticas públicas, ao meio ambiente, à escravidão no Brasil, à ditadura militar e à liderança juvenil.

Outro aspecto identitário do Liceu foi enfatizado pelos/as entrevistados/as: todas essas atividades e ações da escola foram divulgadas tanto para a comunidade como um todo – escolas e Secretaria de Educação do Estado – quanto para as

possíveis mídias, tais como jornais municipais, emissoras de rádio e informativos da cidade.

Em 2006, a grande preocupação destacada pelo representante da gestão foi a definição de metas mais objetivas para possibilitar o monitoramento e o acompanhamento das atividades letivas: “[...] vendo a qualidade, vendo também as dificuldades do nosso trabalho pedagógico, sempre na perspectiva de a gente ir redimensionando as nossas ações para que a gente pudesse melhorar [...]” (Representante do núcleo gestor). Neste ano, a escola foi objeto da primeira avaliação institucional do Estado. Esta avaliação ratificou a grande satisfação que a comunidade tinha em relação à atuação da escola na cidade.

O representante do núcleo gestor sublinhou a importância de a escola sempre realizar um redimensionamento – no início, no decorrer e no final de cada ano letivo – de suas ações realizadas, bem como procurar a estruturação de uma equipe estável e bem qualificada de professores/as. Ele apontou como as principais ações em 2007 as crescentes aprovações dos alunos nos vestibulares da UVA e a implantação de mais um diferencial – as aulas de campo de caráter interdisciplinar, pois “[...] dificilmente as escolas públicas [...] fazemos aulas de campo e nós, em 2007, nós começamos exatamente a realizar as nossas aulas [...]” (Representante do núcleo gestor).

No início de 2008, o primeiro desafio foi a renovação da equipe de professores, pois sete professores/as fizeram a opção de compor a equipe da CREDE 6, a fim de articular a criação da Superintendência – órgão destinado a apoiar e supervisionar o processo pedagógico desenvolvido nas escolas estaduais sobralenses e, por extensão, no estado do Ceará. A escola “[...] sentiu muito porque já havia passado três anos de caminhada estável no tocante à equipe de professores” (Representante do núcleo gestor). Assim, o núcleo gestor precisou “[...] selecionar professores que, como os outros que estavam saindo para compor a equipe da CREDE 6, professores também comprometidos, professores a fim também de contribuir para aprendizagem da juventude do ensino médio aqui em Sobral [...]” (Representante do núcleo gestor).

Outra mudança neste ano foi a acolhida dos/as alunos/as da Escola Antônio Mendes Carneiro, instituição quase vizinha ao Liceu, a qual tinha fechado as turmas de ensino médio. A preocupação do núcleo gestor era a de que estes/as alunos/as tivessem que se “ajustar” à nova escola, às novas regras de convivência e de disciplina, visto que a Escola Antônio Mendes Carneiro, de acordo com as professoras, tinha reputação de possuir muitos/as alunos/as indisciplinados/as, violentos/as e delinquentes.

O mais conturbado momento enfrentado pela escola no ano de 2008 se iniciou com o comunicado, logo após dois meses do início do ano letivo, de que a escola passaria a ser escola profissional. A retirada e a transferência de um grupo de alunos da escola – em média sete salas de segundos anos – representaram a fase problemática desse período: “[...] esses alunos teriam que dar espaço com a opção feita pela Secretaria da Educação do Estado” (Representante do núcleo gestor), para que o Liceu passasse a ser escola de ensino médio integrado à educação profissional. Esses alunos foram transferidos para outras escolas estaduais.

Outro desafio foi o redimensionamento da lotação de professores/as, pois, em agosto de 2008, a escola de educação profissional possuiria apenas cinco

turmas de primeiro ano do ensino médio, e a gestão escolar selecionaria o corpo docente entre os/as professores/as que trabalhavam na escola. Esta seleção pretendia verificar a afinidade destes/as profissionais em relação ao “novo princípio educativo”⁷ a ser implementado.

No segundo semestre de 2008, as cinco turmas de 3.º ano ainda continuaram nos turnos da manhã e noite. Vale ressaltar um aspecto paradoxal. O Liceu de Sobral “nasceu” praticamente no segundo semestre de 2002, com apenas turmas de primeiro ano. Os/as alunos/as foram selecionados/as de outras escolas estaduais; na sua maioria, alunos considerados “problemáticos”, desinteressados e indisciplinados, pois tal seleção era feita pelos núcleos gestores das escolas solicitadas. No “nascimento” da Escola Estadual de Educação Profissional ou na “morte” legal do Liceu de Sobral, sete salas de aula foram simbolicamente “devolvidas” tanto para as escolas que cederam alunos no ano de 2002 quanto para outras instituições escolares estaduais.

A EEEP Dom Walfrido Teixeira Vieira “nasce” entregando os/as alunos/as do Liceu para outras escolas na prerrogativa de ser um projeto educacional de excelência irrevogável. Por essa justificativa, não poderia esperar o término do ano letivo, assim como não se esperou esse término no nascimento do Liceu de Sobral. Ambas as escolas “nascem” sem considerar a subjetividade dos/as alunos/as, como se eles/elas não possuíssem a capacidade de pertencer a um espaço social específico. Houve resistência não somente de alguns/mas professores/as como também dos/as alunos/as que iriam ser transferidos/as. Seria interessante analisar, em outro momento, qual foi o sentimento preponderante nestes/as alunos/as e se tal fato comprometeu a aprendizagem deles/as nos novos espaços escolares.

O adjetivo traumático relacionado à transição e exclusão dos/as estudantes se deu a partir das inúmeras lamentações, manifestações – inclusive com a presença da mídia local e de focos de revolta – por parte dos alunos dos segundos anos, que, nos últimos momentos, já estavam exigindo apenas que continuassem no colégio até o final do ano letivo. Esta exigência não foi atendida, e um dos responsáveis da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC/CE) pela transição, de certa maneira, encerrou as “choradeiras” com a seguinte declaração: “[...] se é para mudar para melhor que seja logo, não devemos deixar para fazer amanhã o que podemos fazer já”. Esta frase foi proferida em uma das últimas reuniões realizadas no auditório da escola com os/as representantes dos/as professores/as insatisfeitos/as com a transição e os/as alunos/as inconformados/as com a transferência.

Por fim, os/as alunos/as foram transferidos/as. Nos primeiros dias, em suas novas escolas, continuaram a frequentar o antigo Liceu e a reclamar com os/as professores/as sobre a realidade de ensino em que estavam se inserindo. Alguns/mas estudantes chegaram a pedir para ser reprovados/as no primeiro ano para continuar nessa instituição escolar, porque a escola iria contemplar somente alunos/as do primeiro ano. Poucos professores continuaram na nova escola por

⁷ Termo de Antônio Gramsci que se refere às formas próprias de formação engendradas por cada sociedade em determinada época, cuja finalidade é formar determinados tipos de sujeitos de acordo com as necessidades de cada classe social. Kuenzer (1997, p. 14) retoma essa denominação para destacar o “[...] princípio educativo da escola humanística tradicional”: formar um grupo de dirigentes e outro para exercer as funções instrumentais. As EEEPs cearenses compartilham desse princípio educativo, por mais que, ideologicamente, sua proposta pedagógica defenda a integração entre educação geral e profissional, o que, de certa maneira, marca a dualidade estrutural da história do ensino médio brasileiro.

discordarem dos princípios da tecnologia de gestão educacional (TESE) e do horário integral. Eles/elas alegavam o seguinte: “[...] como ficar numa ‘empresa-escola’ que vai se preocupar em formar profissionais respeitáveis e dignos se ela mesma não vai valorizar os seus?”⁸.

Essa transformação ou “adaptação” do Liceu em EEEP representou, além de uma mudança de denominação, a implantação de filosofia e práticas educacionais diferenciadas, assim como também de uma nova identidade escolar – a escola criada em um prédio que possuía uma memória e uma identidade perante a comunidade escolar passaria então a tentar construir uma nova identidade a partir da articulação de elementos já existentes e legitimados para obter reconhecimento no mesmo cenário social e escolar.

Em 2009, a escola implantou a segunda série com alunos da primeira série do ano de 2008. Ocorreram matrículas para mais quatro turmas de primeiros anos nos referidos cursos técnicos de enfermagem e informática. Além disso, neste ano, o ensino das disciplinas técnicas profissionalizantes foi iniciado. Em 2010, os fatos importantes citados foram estes: a presença das três turmas de educação profissional – primeira, segunda e terceira série; a implantação de uma turma de primeiro ano técnico profissionalizante de comércio; e principalmente, a conclusão, no final do ano, das cinco turmas que iniciaram em 2008, pois, através desses fatos,

Vamos exatamente medir o nível e a qualidade de nosso trabalho, dentro destas duas, desses dois caminhos, o acesso à universidade, para aqueles que realmente querem, muita gente quer, muitos jovens já têm exatamente se pronunciado neste sentido, como também o mercado de trabalho, certo! Jovem vai estar mais qualificado, a repercussão da escola profissional, uma escola como Sobral é grande [...]. (Representante do núcleo gestor).

3 A IDENTIDADE DO LICEU DE SOBRAL E A CRIAÇÃO DA EEEP

As identidades são construções sociais historicamente situadas. Elas são complexas, instáveis, mutantes e contraditórias (MOREIRA, 2006). Em tempos de globalização e neoliberalismo, as identidades sociais, individuais e institucionais são instadas a seguir determinados padrões hegemônicos em termos de práticas, valores, princípios e posicionamentos. No escopo dessa discussão, a identidade escolar é definida por uma série de políticas, práticas e relações sociais engendradas no ambiente institucional, sendo reconhecida por seus atores sociais como uma espécie de “personalidade” ou “espírito” compartilhado por esses atores ao se referirem à determinada instituição social.

É necessário nos remeter às estruturas de homogeneização neoliberal vinculadas aos processos de educação e formação quando o assunto se refere à identidade dos espaços escolares, assim como de seus atores sociais. As escolas, geralmente, constroem suas identidades pautadas num projeto global e uniforme de

⁸ Notações do diário de campo – 2008.

reverência aos valores de acúmulo de conteúdo, incorporação de múltiplas competências e foco na competitividade, os quais serão medidos por incessantes processos avaliativos e testes de larga escala. Nessa ambiência, é preciso questionar até que ponto as identidades escolares se configuram em práticas de resistência ou se rendem aos ditames uniformizadores de mercado.

Com relação à discussão deste artigo, a questão crucial gira em torno de refletir se a identidade do Liceu se constituiu numa resistência aos valores neoliberais ou se já possuía uma “roupagem” identitária neoliberal que facilitou sua “adaptação” ao novo formato de EEEP. A seguir, serão pontuadas as práticas, políticas e relações educacionais vinculadas ao Liceu de Sobral a partir dos relatos dos/as colaboradores/as com a intenção de responder esse questionamento.

O Liceu no estado do Ceará, sinônimo de “escola-modelo”, predicado construído historicamente desde a sua implantação em 1844 na cidade de Fortaleza, possuía, em sua filial sobralense, uma preocupação institucional que se tornou o principal elemento identitário dessa escola. Conforme as entrevistadas, a instituição “nasceu” para ser uma escola “séria” em que os/as professores/as “realmente” trabalhavam e se comprometiam ou se responsabilizavam pela aprendizagem dos/as alunos/as. Na época de sua criação, a maioria dos/as professores/as das escolas estaduais faltava muito, e os/as alunos/as rotineiramente não completavam a carga horária letiva.

De acordo com os relatos, geralmente alguma turma encerrava o dia letivo antes do horário previsto devido à falta de professores/as. Desta forma, instaurava-se o primeiro e grande desafio: assegurar o tempo pedagógico dos alunos. O segundo desafio do Liceu sobralense, definido coletivamente, era aprovar alunos nos vestibulares locais, pois as escolas estaduais sobralenses não conseguiam tal feito.

Para efetivar o primeiro desafio, a escola sobralense implantou uma organização que priorizava o compromisso pedagógico, a assiduidade, a pontualidade e a presença do/a professor/a na instituição. As professoras foram unânimes em afirmar que as exigências eram grandes, e o núcleo gestor era muito rígido, “[...] tanto que tinha muita gente que não queria vir para cá” (Beatriz). Além disso, outros fatores concorriam para que muitos “temessem” lecionar nessa escola: o planejamento das aulas dos/as professores/as – tempo de oito horas semanais, na época, para aqueles/as que possuíssem duzentas horas – era realizado presencialmente, em detrimento do que ocorria na maioria das escolas estaduais, cuja metade desse tempo poderia ser efetivada nas residências dos/as professores/as. No Liceu, existiam dois planejamentos mensais⁹ que os/as professores/as e o núcleo gestor “[...] cumpriam regularmente, em cada um, as quatro horas legalmente estabelecidas pelo Estatuto do Servidor” (Representante do núcleo gestor). Em contrapartida, nas outras escolas estaduais da época, existia apenas um planejamento por mês.

Nos momentos de realização de determinados projetos da escola, feira de ciências, mostras culturais, ou encontros com os pais, era solicitada a presença e a disponibilidade dos/as professores/as, às vezes, nos sábados ou em períodos de folga dos docentes. Nestes momentos, as únicas faltas aceitáveis eram aquelas comprovadas por atestados médicos. Quando essas faltas se tornavam recor-

⁹ Na época, os planejamentos gerais ocorriam nas manhãs de sábado pelo menos duas vezes. Na semana em que ocorria esse planejamento, os docentes poderiam elaborar os seus planos nas suas residências.

rentes, o núcleo gestor solicitava esclarecimentos. As entrevistadas relataram que alguns pedidos de transferência de professores/as para outras unidades escolares surgiam da repetição desses momentos entre núcleo gestor e docentes faltosos.

Para o representante da gestão, o Liceu inaugurou um “novo ritmo de aprendizagem”, uma nova configuração de escola pública na cidade de Sobral para enfrentar a cultura estabelecida de que, na escola pública, “[...] não tinha aula” ou “[...] não existia o acompanhamento de metas de aprendizagem”. O sentimento de vergonha social e de incapacidade escolar perante a “[...] atitude de mandar aluno/a para casa mais cedo” foi desenvolvido na mentalidade do corpo de funcionários/as da escola para evitar essa prática e fomentar alternativas para que ela não se repetisse.

Outro elemento que identificou essa escola foi o “enxugamento da máquina” ou a organização de uma “escola saneada” em que todos/as os/as profissionais que faziam parte da instituição escolar tinham uma função específica. Nenhum profissional estava lotado no Liceu por “apadrinhamento” ou por indicação política, seja na biblioteca, na secretaria, seja em outros espaços extra sala de aula. Ninguém estava “[...] apenas porque não suportava mais estar na sala de aula” ou “[...] porque não tinha mais vagas nos escritórios da Secretaria de Educação do Estado” (Representante do núcleo gestor).

A grande marca do Liceu, o que o identificava como escola diferenciada, poderia ser traduzida por uma frase, cuja repetição favoreceu a indeterminação de sua origem: “[...] aqui as coisas realmente acontecem” (Representante do núcleo gestor). Este ato de fala teve como um dos efeitos a prática rotineira de uma pedagogia de projetos como também os progressivos índices de aprovação dos alunos nos vestibulares – o que expressava a principal finalidade pedagógica do Liceu de Sobral. Nos anos iniciais em que a escola recebeu matrículas para o terceiro ano, ocorreu uma reestruturação curricular, a fim de direcionar o ensino para tal finalidade – como, por exemplo, a prática de aulões¹⁰ com professores/as da escola e, na medida do possível, com professores/as convidados/as nos momentos que antecediam os exames vestibulares.

Desta forma, uma determinada cultura docente e discente passava a ser compartilhada pelos atores escolares. Os/as professores/as que solicitavam lotação para o Liceu já sabiam qual o desempenho esperado deles: atitudes, práticas e comportamentos exigidos para fazer parte do corpo de funcionários/as dessa escola. Em acréscimo, os alunos que solicitavam matrícula ouviam falar, seja através de seus colegas do Liceu, seja em suas próprias escolas, que “[...] a coisa lá é séria, se vocês forem com a intenção de brincar, é melhor nem ir, pois vão ser transferidos logo de cara” (Camila).

Assim, com “muita rigidez”, disciplina e o “ritmo” consolidado pela gestão (Representante do núcleo gestor), a escola conseguia atingir as metas estabelecidas ou, pelo menos, a grande maioria delas. O Liceu ganhava visibilidade e muitos/as de seus/suas professores/as eram convidados/as para dar palestras e seminários nas formações continuadas da CREDE 6. Estes/as professores/as em

¹⁰ Aulas intensivas para um grande número de alunos que iriam fazer os exames vestibulares. Eram caracterizadas pela exposição direta de muitos conteúdos disciplinares e pelas dicas de resoluções de questões recorrentes nessas provas.

destaque e com o prestígio reconhecido diante da gestão escolar e da CREDE foram chamados/as para compor um novo órgão criado em 2008 – a Superintendência.

Nesta escola, existia uma relativa autonomia docente no tocante ao processo de ensino-aprendizagem e também uma semiabertura da gestão escolar aos/às alunos/as com relação a todos os processos desenrolados dentro e fora do ambiente escolar. Os/as professores/as tinham o poder de decidir sobre os conteúdos a serem lecionados, metodologia aplicada e técnicas de avaliação. Entretanto, havia certas interferências da gestão escolar no final do ano letivo, quando o número de alunos/as reprovados ultrapassava o índice anteriormente padronizado no início do ano letivo pela escola e pela CREDE 6/SEDUC/CE.

As entrevistadas ratificaram as buscas individualistas por “fama e sucesso” de alguns docentes. Porém, a “[...] equipe era unida, era uma equipe que se esforçava para estar próximo dos outros era uma equipe que a gente acreditava no trabalho do outro, a gente trocava experiências [...]” (Amanda).

Outro importante elemento identitário do Liceu se relacionava ao corpo discente. Geralmente, eram alunos/as interessados/as em aprender, visto que o objetivo da escola já estava bem divulgado pela comunidade sobralense: aprovar no vestibular da UVA ou UFC. O/as estudantes “faziam as coisas acontecerem” (Beatriz). Esse elemento identitário constituía a principal razão da tentativa de alguns docentes requererem lotação para o Liceu, porque

Todo projeto que é lançado aqui, tudo que é feito, a escola sempre trabalhou com projetos, desde o princípio até agora, tudo que era lançado a gente percebia a vontade dos alunos de estarem sempre juntos, de melhorarem, de ajudarem, de estar ali com os professores, de fazer as coisas andarem, não é aquele projeto que você carrega nas costas [...] aí isso é uma motivação muito grande, não tem coisa mais cativante, que mais motiva, que mais estimula o professor do que você ter um retorno, vê seu trabalho sendo realmente desenvolvido da forma mais plena possível [...] (Beatriz).

Outro ponto crucial deste aspecto identitário era a realização de uma determinada ouvidoria pelos docentes e gestores em relação às queixas, sugestões e inquietações dos/as alunos/as. Em verdade, algumas sugestões eram acatadas e certas queixas eram ouvidas e não julgadas coletivamente. Essa ouvidoria se tornava problemática quando os gestores decidiam sobre os fenômenos relatados, de forma unilateral, sem considerar a versão docente. Um dos conflitos se instaurou quando dois professores/as foram devolvidos à CREDE sem uma prévia averiguação de certos acontecimentos detalhados por alguns estudantes. Talvez, se esta ouvidoria – acompanhada de um espaço institucional democrático para investigação e tomada de decisões – tivesse se desenvolvido e amadurecido na escola, poderíamos ter constatado um exemplo de escola e gestão democrática na cidade de Sobral com possibilidade de se constituir em uma referência no cenário escolar cearense. Contudo, esse protótipo de ambiente democrático escolar foi marcado principalmente pelas mobilizações e engajamento político dos docentes efetivos. Eles/elas tinham se tornado, de certa maneira, os líderes das greves na cidade de Sobral: conscientizando alunos/as, pais e mães na luta pela melhoria da educação e das condições de trabalho dos/as professores/as cearenses. Ora se os profes-

sores eram valorizados na escola e na CREDE 6 – pois alguns/mas eram chamados/as a promover oficinas e formações aos professores/as das outras escolas –, eles/elas se autovalorizavam no sentido de lutar por melhores condições de trabalho, mais reconhecimento e direitos que são negados historicamente aos trabalhadores da educação: salários dignos; horas suficientes para planejar; planos de saúde; mais autonomia pedagógica; e melhores condições de trabalho e de ensino.

Este engajamento docente poderia ser expresso através de frases proferidas durante as mobilizações de greve, tais como estas: “[...] já que damos resultados para eles, podemos cobrar agora melhores condições” – frase enunciada durante um dos planejamentos em um sábado anterior a uma manifestação docente que seria realizada na segunda-feira. A gestão se posicionava contra os momentos de greve, mas, diante da alegação acima, tentava cuidadosamente estabelecer um acordo de retorno dos/as professores/as às suas respectivas salas de aula durante as greves.

A identidade da “nova escola” vai se construir sob a racionalidade empresarial resumida nos princípios da filosofia de gestão adotada pelas escolas profissionalizantes cearenses, intitulada TESE. A escola Liceu se preocupava tanto com a aprendizagem significativa discente como pela busca do aumento dos índices em avaliações internas e externas. Autônoma, relativamente democrática, humana, mobilizadora, politizada, comprometida e respeitável eram predicados que constituíam a sua identidade e balizavam a constituição das identidades discentes.

4 TESE, “ADAPTAÇÃO” E A “POLÍTICA DO TEM QUE SER”

A tecnologia de gestão educacional (TESE) foi implantada pelos Procentros¹¹ como um “[...] excelente instrumento para desenvolver o protagonismo, sobretudo pela ênfase em princípios e valores, a visão correta de uma empresa e o papel educativo do empresário” (MAGALHÃES, 2008, p. 31). Esta denominação é uma adaptação da Tecnologia Empresarial Odebrecht (TEO) à realidade escolar, a fim de conseguir uma maior aceitabilidade dos agentes escolares de forma geral.

O Procentro é resultado da parceria entre o setor público e o setor privado através do Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE), uma entidade privada sem fins lucrativos, criada para ser, juntamente com a Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco, um dos polos de governança do programa. Ele objetiva melhorar a educação pública média de Pernambuco e do Brasil, focalizando inovações na metodologia e gestão do ensino, adotando um *slogan* que se tornou emblemático nos Procentros e nas Escolas Estaduais de Ensino Profissionalizantes (EEEP) implantadas no estado do Ceará: “[...] uma nova forma de ver, sentir e cuidar da juventude” (MAGALHÃES, 2008, p. 18).

O Procentro e os Centros por ele dirigidos adotam princípios gerenciais empresariais padronizados e constituem escolas de educação de tempo integral – das 7h30min às 17h. Do ponto de vista pedagógico, eles trazem as seguintes inovações, conforme Marcos Magalhães (2008), presidente do ICE: a) educação para valores – iniciativa, liberdade e compromisso para exercer a autonomia; b) protago-

¹¹ Programa de Desenvolvimento dos Centros de Ensino Experimental que representou novo modelo de educação implantado no Ginásio Pernambucano, na cidade de Recife.

nismo juvenil - atuação dos jovens na resolução de problemas da comunidade; c) cultura da trabalhabilidade - desenvolver competências para o mundo do trabalho; d) empreendedorismo juvenil - capacidade de “[...] autogestão, cogestão e heterogestão de seu potencial”; e) associativismo juvenil - “[...] proporcionar o surgimento de múltiplas e variadas formas de auto-organização entre os jovens com finalidades sociais, esportivas, ambientais, etc.”; f) presença educativa - “[...] qualificação das relações entre adultos e jovens na comunidade educativa e fora dela”; g) educação geral e certificação profissional - competências, aprendizagens, orientações para o mundo do trabalho; h) avaliação sistemática - “[...] como estratégia para adequar a prática pedagógica às reais necessidades do aluno”; e i) práticas e vivências visando “[...] desenvolver valores e competências pessoais e sociais necessárias à integração do projeto individual ao projeto da sociedade em que atua” (MAGALHÃES, 2008, p. 21-22).

Este programa adotou uma proposta de conteúdo, método e gestão do ensino com o objetivo de “[...] formar uma consciência empresarial humanística não só nos gestores, mas também nos demais educadores e educandos, alinhando-os à filosofia do programa - TEO” (LIMA, 2007, p. 7). A finalidade social dessa proposta era combater a baixa qualidade do ensino público e a impossibilidade de o jovem, ao terminar o ensino médio, se inserir tanto na vida acadêmica quanto no mercado de trabalho. A filosofia de gestão empresarial foi aplicada nas escolas vinculadas ao Procentro, a fim de torná-las capazes de planejar, executar, avaliar e corrigir “[...] como uma empresa produtora de riquezas morais e, indiretamente, riquezas materiais; formadora de cidadãos aptos a empresariar suas competências e habilidades” (LIMA, 2007, p. 7).

Os/as educadores/as e os/as gestores/as são considerados líderes no sentido de ter a função “[...] de coordenar os diversos saberes ou tecnologias específicas, integrar os resultados gerados pelas diferentes áreas e educar pessoas, em serviço, pelo seu exemplo” (LIMA, 2007, p. 10). Cada líder “faz acontecer”, porque, ao perceber as expectativas dos clientes, “[...] mobiliza recursos ou concentra esforços para satisfazê-la ou superá-la” (LIMA, 2007, p. 12). Os líderes educam através da “Pedagogia da Presença”, em que cada um “[...] dedica tempo, presença, experiência e exemplo ao seu liderado/educando” (LIMA, 2007, p. 14). Além disso, cada líder deverá ter um programa de ação contendo fundamentalmente o seu negócio, que não é apenas objetivo, e sim algo que sintetiza as obrigações e os deveres “[...] que cada um dos educadores tem em relação à comunidade (cliente) e ao investidor social (Procentro e ICE)” (LIMA, 2007, p. 9).

Toda escola deve elaborar o seu plano de ação, que será constituído pelos seguintes elementos: uma introdução contendo valores, visão de futuro e missão; premissas; objetivos; prioridades; resultados esperados; indicadores; estratégias; macroestrutura; papéis e responsabilidades. O mais curioso é que tal estrutura de plano, ou parte dele, se encontra em todos os estabelecimentos do estado do Ceará atualmente, prova de que a TEO foi abraçada pelo governo e se constitui na filosofia de gestão do Estado como um todo.

Valores e princípios que constituíam a identidade da antiga escola Liceu de Sobral, mesmo que embrionários, tais como decisão coletiva, mobilização política, cidadania, democracia, autonomia, discussão e sentimento de classe social, foram substituídos por outros característicos de uma ética mercantil. As sociabilidades

escolares dessa escola foram ressignificadas pela invasão neoliberal e neoconservadora de educação consubstanciada na TESE.

O princípio educativo da direita neoliberal pretende – por meio de uma reforma de conceitos, valores e categorias – reformar a cultura no seu todo, e não especificamente a do setor educacional ou econômico-político. Essa substituição pode ser elucidada pela análise dos princípios da TESE e pelas seguintes considerações de Suárez (2008, p. 247, grifo do autor):

As noções econômicas e tecnocráticas de *eficácia, produtividade, eficiência e êxito* tomam o lugar de outras, mais políticas, como a de *participação democrática na tomada de decisões educacionais*, ou relacionadas com problemáticas sociais, como a de *expansão quantitativa da matrícula escolar*.

De acordo com os relatos, a partir do momento em que o núcleo gestor começou a frequentar os cursos de formação e as reuniões acerca da nova política e filosofia a serem implantadas na escola – início de 2008 –, os seus valores e suas posturas de gestão mudaram. Eles se afastaram dos elementos que identificavam o Liceu de Sobral, tais como gestão democrática e participativa, autonomia docente, valorização dos professores, ética, liberdade, igualdade e companheirismo. No período da transição ou adaptação¹², tal mudança foi efetivada por uma prática discursiva que denominamos de “política do tem que ser”¹³.

Esta política neoliberal, de caráter autoritário, objetivou anular qualquer foco de conflito ou resistência frente às orientações educacionais da Secretaria de Educação do Estado por parte dos alunos, pais, responsáveis e docentes. Parece que a “política do tem que ser”, em poucos meses, tornou-se um elemento identitário da maioria das gestões escolares da cidade de Sobral e um marcador da identidade profissional docente.

As peculiaridades dessa política foram mapeadas mediante conversas informais com os/as professores/as durante as observações participantes realizadas nos encontros de formação continuada das escolas estaduais na cidade de Sobral (CE). No período de observação, foi possível comparar a “política do tem que ser” adotada no Liceu, durante e após a transição para EEEP, com a mesma política que estava sendo desenvolvida nas outras escolas da cidade. Os ditames do “tem que ser” eram estes: o autoritarismo, a dualização e a despolitização, enfim, reforma cultural nos termos de Suárez (2008). O “tem que ser” se constituiu em um performático autoritário para deslegitimar as reclamações, os conflitos e as questões polêmicas, assim como encerrar todos os momentos de contestação às normas e diretrizes que poderiam se tornar ameaças ao ordenamento social instaurado.

¹² No site oficial da educação profissional do estado do Ceará, há uma estimativa de que atualmente funcionam 111 escolas profissionalizantes. Desse total, 17 estão em construção e 23 em processos licitatórios. O Liceu de Sobral entra na estatística de 52 escolas que foram “adaptadas” para se transformarem em EEEPs.

¹³ Esta denominação surge durante uma incursão nas reuniões de transição na escola em que a coordenadora da 6.ª CREDE – em meio a um turbilhão de reclamações, questionamentos e acusações sobre a implantação do projeto da escola técnica profissionalizante antes do término do ano letivo, ocasionando com isso a transferência de quase duzentos alunos do segundo ano – afirma, em um tom agressivo, o seguinte: “[...] gente, não tem mais jeito, tem que ser dessa forma, pense nas melhorias que o projeto vai trazer [...]” (Diário de campo – 2008).

Conforme as professoras, durante a fase final de “adaptação”, nada mais era explicado, tudo estava posto e justificado por si mesmo, pois todas as normas, diretrizes e orientações eram defendidas como resultado do esforço e deliberação do governo do Estado de engendrar uma educação de qualidade para todos.

Por fim, a EEEP Dom Walfrido foi efetivada, e a “política do tem que ser”, talvez uma expressão do neoliberalismo em educação, triunfou sobre as manifestações de alunos e alunas que não queriam sair da escola por se sentirem pertencentes àquele ambiente escolar. Na “adaptação”, mais de duzentos alunos foram transferidos para outras escolas. Eles não foram excluídos do processo de escolarização, mas, de certa maneira, tiveram seus processos de identificação com o Liceu rompidos. Muitos estudantes ameaçaram parar os estudos caso fossem para outros estabelecimentos de ensino.

Diante dessa transformação do Liceu em EEEP, um questionamento se mostrou relevante para ser analisado – a identidade do Liceu de Sobral poderia ter sido considerada como uma identidade de resistência às identidades neoliberais que estão surgindo nessas escolas profissionalizantes no Ceará e cuja filosofia de gestão se faz presente nas escolas não profissionalizantes, ou, então, o Liceu já possuía elementos identitários neoliberais que se “encaixavam” na TESE a ser implantada como filosofia educacional?

Muitos elementos – políticas e práticas escolares – que constituíram o Liceu de Sobral já poderiam ser denominados de neoliberais. A definição de metas de aprendizagem e o foco na elevação dos índices de aprovação interna e nos exames vestibulares. O acompanhamento pedagógico e a supervisão das atividades docentes intra e extraclasse. As rotinas frequentes de reuniões para redefinir as metas com base em resultados alcançados. O acompanhamento da assiduidade e pontualidade dos/as professores/as, estudantes e demais funcionários/as da escola. A definição funcional de cada profissional da escola, ou seja, cada um deveria ter um negócio¹⁴ e um plano de ação nos termos da TESE. Um corpo discente interessado, estudioso e competitivo, formado pela adesão de estudantes desde as primeiras semanas de aula. Um corpo docente, em sua maioria, competitivo e individualista, embora crítico e politizado.

Atualmente há processos seletivos para o ingresso¹⁵ nessas escolas cujo critério principal é a avaliação do histórico escolar. Geralmente, o corpo docente dessas instituições profissionalizantes também passa por uma espécie de seleção constituída pela análise do currículo e uma entrevista de adesão aos princípios da TESE.

Em síntese, a TESE foi abraçada pela maioria dos docentes do Liceu, porque muitos elementos que a identificavam já eram praticados e incorporados pela identidade escolar. O trabalho do núcleo gestor e dos responsáveis pelo processo de “adaptação” ou “matança” do Liceu de Sobral era ressignificar a identidade escolar com a gramática neoliberal e afastar retoricamente o sentido mercantil

¹⁴ É oriunda do latim (*nec + otium* = sem descanso), portanto, é algo que toma a mente, ocupa o espaço de tempo e realiza um ideal. Até em momentos de lazer, ao observar aleatoriamente imagens ou fatos, a mente se reporta ao negócio, fazendo a conexão entre eles. Se isso ocorre com frequência, este é o negócio (LIMA, 2007, p.9).

¹⁵ O ingresso nas escolas profissionalizantes é regulamentado por uma “Portaria de matrícula” que determina os critérios a serem utilizados para o acesso de alunos às EEEPs, com destaque para a avaliação do histórico escolar. A matrícula está condicionada aos seguintes requisitos: ter concluído o 9.º ano do ensino fundamental, ou tê-lo concluído até o ato da matrícula; ter idade mínima de 14 anos até a data base do censo (última quarta-feira do mês de maio); e observância da média das notas das disciplinas do 6.º ao 9.º ano (CEARÁ, 2015a).

que as terminologias da TESE possuíam. A principal estratégia era vincular os termos dessa gramática a elementos identitários já existentes no Liceu, principalmente quando alguns termos específicos eram proferidos durante as reuniões de “transição”, tais como negócio, produtividade, eficácia, eficiência, empreendedurismo e empresarial.

Se for possível pontuar elementos identitários de resistência à TESE pertencentes à identidade do Liceu, podemos destacar a criticidade e a politização dos docentes, a relativa autonomia pedagógica dos/as professores/as e um protótipo de gestão democrática participativa engendrado. Outro elemento identitário deste colégio era a frequente “ouvidoria” adotada pelos gestores com relação a todos os aspectos do cotidiano escolar, desde a limpeza até a ação docente. Todavia, esse último elemento foi sempre foco de discussões e questionamentos por parte dos/as professores/as, pois, geralmente, conforme as professoras entrevistadas, as versões dos fatos sociais escolares dos estudantes considerados “alunos-joias” eram quase indiscutíveis. Os gestores acatavam as suas reclamações e pedidos sem a devida contrapartida ou *feedback* dos profissionais envolvidos na demanda solicitada.

O processo de “adaptação” ou transição do Liceu de Sobral para EEEP é um dos cinquenta e dois processos adaptativos que ocorreram no Ceará durante a implantação da política de educação integral do Estado. As singularidades desses tantos processos que ocorreram talvez sejam inúmeras e esclarecedoras dos movimentos que a ofensiva neoliberal estabelece nos sistemas de ensino.

Nas EEEPs do Ceará, é exemplar a ofensiva neoliberal contra a escola pública e democrática. A vantagem preconizada é o direcionamento para postos de trabalho técnicos, considerados uma opção louvável para a população pobre e sem perspectiva de ingressar no curso superior. Neste íterim, a dualidade estrutural da educação é reiterada. Essas escolas representam a dualidade do ensino médio e sua contestada funcionalidade: como etapa final da educação básica, ele deve preparar os alunos para a continuidade dos estudos, tendo em vista o ensino superior, ou formar os estudantes para exercer determinado tipo de trabalho técnico? Educação geral ou técnica? (CIAVITTA; RAMOS, 2011).

Outro fato interessante foi citado por uma professora e constitui uma visão consensual sobre a educação integral: a de que a escola integral vai “[...] tirar os jovens da rua e manter eles ocupados o dia todo [...] evitando eles irem para o mundo das drogas e do crime” (Camila). Assim, o ensino integral, como espaço educativo que possibilite a educação unitária, omnilateral, politécnica e integrada à educação profissional (CIAVITTA; RAMOS, 2011), é transformado em um confinamento para enfrentar os problemas sociais referentes às sociabilidades juvenis.

A qualidade do ensino desse sistema escolar profissionalizante das EEEPs é considerada pelos gestores escolares uma consequência do ensino integral e integrado. O currículo básico de formação geral científica é integrado à formação técnica profissionalizante. A proposta pedagógica visa superar, a princípio, a escola dual média que, historicamente, caracteriza a educação brasileira: uma escola voltada para formação de dirigentes; e outra direcionada ao desempenho de funções instrumentais (KUENZER, 1997). Vale frisar que essa separação entre função intelectual e técnica não é mais reconhecida pelo sistema capitalista contemporâneo (KUENZER, 1997).

A falácia de superação da dualidade educacional não resiste ao crivo das finalidades que o sistema de ensino das EEEPs se propõe, ou seja, formar jovens preparados para exercer determinadas funções técnicas e/ou profissionais. Esse “outro” sistema, que dualiza com as escolas regulares cearenses, não disponibiliza uma formação que permita mobilidade social no antagonismo de classes que estrutura a sociedade brasileira (KUENZER, 1997). Ele produz uma categoria de trabalhadores “incluídos” no interior de uma massa de trabalhadores “excluídos”, cuja expectativa de conseguir um emprego ou uma ocupação que se apresenta é quase inexistente.

O sistema de educação profissionalizante cearense se constitui em outro sistema educacional diferenciado dentro da rede estatal de ensino. As recentes escolas construídas possuem uma estrutura física “padrão MEC” de acordo com as informações do *site* oficial do Estado (CEARÁ, 2015b). Os alunos adquirem fardamento gratuito, recebem três refeições diárias e têm à disposição transporte escolar público.

Os estudantes e professores/as estão constantemente sendo avaliados nessas escolas. A seletividade e a avaliação incessante buscam incutir-lhes os princípios da competitividade, competência e meritocracia: “Quem não se adapta, pede para sair” ou “Quem não se adapta vai ser convidado a se retirar” (representante do núcleo gestor). Estas foram as últimas frases ouvidas do núcleo gestor durante a incursão etnográfica após a criação da EEEP Dom Walfrido. Essas duas constatações - a criação de uma rede exclusiva dentro da rede escolar pública e a intensa seletividade e avaliação dos estudantes e profissionais que participam dessas escolas - corroboram o batismo feito por Pablo Gentili (2008) às pedagogias neoliberais: “pedagogias da exclusão”.

5 INCONCLUSIVAS

A cultura escolar construída pelo Liceu teve um papel crucial no processo de adaptação e preparação tanto dos/as alunos/as quanto dos/as professores/as para a edificação da nova escola de educação profissional Dom Walfrido. Muitas atitudes, rotinas e concepções vinculadas a esta nova configuração já estavam presentes nas práticas e relacionamentos entre os atores sociais do Liceu. Conforme o representante da gestão, exigências como pontualidade, assiduidade, compromisso, acompanhamento de metas, avaliações periódicas, supervisão dos planejamentos docentes, disciplina escolar e monitoramento do cotidiano já eram “realidades no Liceu”. Em outros termos, as práticas neoliberais no ambiente escolar já se faziam presentes, o que houve foi um processo de associação direta de práticas e políticas que identificavam o Liceu de Sobral com a gramática da TESE, a fim de obter um convencimento ideológico da comunidade escolar envolvida na “adaptação”.

Uma identidade de escola neoliberal bem articulada e ressignificadora das identidades dos/as professores/as do Liceu de Sobral foi um dos principais fatores que possibilitaram a adesão dos profissionais à nova política educacional de escola profissional implantada na estrutura escolar de Liceu. O grande mérito desta pesquisa foi discutir e rememorar, com certa limitação, os elementos que diferenciavam esta escola das demais escolas estaduais sobralenses.

A falácia do ensino integrado - educação geral e educação profissional técnica - desse “outro” sistema escolar cearense, instaurado em 2008, se desintegra ao se analisar a identidade institucional dessas “novas escolas”. A proposta empresarial da TESE reitera o “[...] princípio educativo tradicional” (KUENZER, 1997) que marca historicamente o ensino médio brasileiro. Nestas escolas, a dualidade estrutural do ensino médio é recuperada - escola para dirigentes e escola para trabalhadores - ao se consolidar outra dualidade dentro do mesmo sistema escolar cearense: escola regular preparatória para o ENEM e os vestibulares de acesso ao ensino superior *versus* escola profissionalizante de tempo integral.

A educação geral aliada à formação técnica consubstancializada no *slogan* governamental “integral e integrado” não se materializa. Talvez uma das consequências desse “outro” sistema seja produzir competitividade entre os estabelecimentos de ensino, reproduzir a ideologia da meritocracia e despolitizar as escolas estaduais que, através dos protótipos de gestão democrática, estavam construindo identidades institucionais que promoviam o debate, a crítica e o repensar do processo educativo, tomando como ponto de referência a desigualdade social e a estruturação classista da sociedade brasileira. A “adaptação” do Liceu para EEEP talvez possa ser considerada um exemplo dessa estratégia neoliberal.

REFERÊNCIAS

- CEARÁ. Secretaria de Educação do Estado do Ceará. *Apresentação*. Fortaleza, 2015a. Disponível em: <http://www.educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=71&Itemid=213>. Acesso em: 12 nov. 2015.
- CEARÁ. Secretaria de Educação do Estado do Ceará. *Início*. Fortaleza, 2015b. Disponível em: <<http://www.educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br>>. Acesso em: 20 nov. 2015
- CIAVITTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio e educação profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, DF, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011. Disponível em: <www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/download/45/42>. Acesso em: 5 fev. 2017.
- GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Tradução de Vânia Paganini Thurler e Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 228-252.
- KUENZER, Acácia. *Ensino médio e profissional: as políticas do estado neoliberal*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- LIMA, Ivaneide Áurea de Amorim Pereira. *Tecnologia educacional socioeducacional (TESE): uma filosofia de gestão*. Recife, 2007. v. 1-3.
- MAGALHÃES, Marcos. *A juventude brasileira ganha uma nova escola de ensino médio: Pernambuco cria, experimenta e aprova*. Recife: LPC Virtual, 2008.

MOREIRA, A. F. Desafios contemporâneos no campo da educação: a questão das identidades. In: MOREIRA, A. F.; PACHECO, J. A. (Org.). *Globalização e educação: desafios para as políticas e práticas*. Porto: Porto Editora, 2006. p.11-29.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *O trabalho do antropólogo*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2006.

SUÁREZ, Daniel. O princípio educativo da nova direita: neoliberalismo, ética e escola pública. In: GENTILI, Pablo (Org.). *Pedagogia da exclusão: crítica ao neoliberalismo em educação*. Tradução de Vânia Paganini Thurler e Tomaz Tadeu da Silva. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 253-270.